

ESPIRITUALIDADE E ENCARNAÇÃO

Clarificação

A nossa mentalidade atual ocidental do hemisfério norte (principalmente, europeia e norte-americana), colocou a espiritualidade numa espécie de limbo escorregadio ou nublada informe onde se constroem narcisismos egoístas, muitas vezes de filosofias orientais importadas que acabaram por ficar reféns do cativo da cultura esotérica, liturgia da autoajuda, angelologias e demonologias linguísticas e iconográficas...

A ESPIRITUALIDADE é a expressão intensa da verdade como descoberta dinâmica do conhecimento do sentido da vida e a negação (ou recusa) de uma existência agrilhoadada.

Onde encontrar bons indicadores da presença da espiritualidade

Aprender a realidade a partir da forma bela da existência das coisas; sensação de maravilhamento, deslumbramento, espanto ou admiração provocado por um estímulo extraordinário; necessidade de pertença e reconhecimento; aspiração a um afeto; desejo gratificante de união relacional a um outro diferente de mim; anseio de liberdade e libertação; exercício da compaixão...

Concretizações

A autêntica busca espiritual começa com uma pergunta inquietante: “*existe Algo com valor e significado para além do egocentrismo?*”; Dito de outra forma: “*Será que existe Algo maior do que eu?*”.

Albert Einstein afirmou que “*quando uma pessoa encontra uma resposta para o problema do sentido da vida já é uma pessoa religiosa / espiritual*”.

A espiritualidade é uma das dimensões do ser humano, por isso é que lhe chamam “*peregrino do Absoluto*”, onde o futuro é sempre o “*espaço da possibilidade*”, ou seja, onde tudo pode acontecer. O imprevisível anda sempre à espreita de uma oportunidade! Só os céticos confundem o real com o material e o impensável com o impossível. Ex.: é tão real o livro (material) como o seu conteúdo! O impensável faz parte da realidade e simultaneamente a Transcende.

Para o ser humano existem três grupos de hierofanias, ou seja, onde o sagrado se manifesta:

- a) *Natureza*: céu, astros, terra e fecundidade; [É o livro de Deus, escrito em linguagem matemática].
- b) *História*: acontecimentos significativos onde se dão passos qualitativos importantes de mudança.
- c) *Ser humano*: a essência energética, a explosão de vida, a capacidade motivadora, a liberdade e o mistério. Abdunnour Bidar, filósofo e ensaísta francês (nascido em 1971), relativamente à espiritualidade emergente, dos nossos tempos pós-contemporâneos, contrapõe o “*homem criatura do passado*” ao “*homem criador de futuro*”, defendendo que só a libertação da nossa potência criadora e criativa permitirá explorar espiritualmente todas as possibilidades da nossa civilização humana. Para isso acontecer será necessário cortar o nosso cordão umbilical com a religião interior e exterior, não temendo o vazio daí resultante, mas encarando-o como lugar de germinação criadora de uma nova vida espiritual.

António Manuel Pires Cabral, poeta português traduz de uma forma extraordinária este pensamento no poema, “A Terceira Via”:

“A Terceira Via
Do alto deste monte, numa manhã assim,
Só há duas coisas a fazer:
Chatear deus ou deixar deus em paz.

Minto.
É claro que há uma terceira via
(mas dá muito trabalho):

Fingir que não o vejo nem o oiço
Do alto deste monte
Na luz desta manhã”.

A pessoa não inventa o Mistério, pelo contrário o Mistério encontra-se nela e é ele que a coloca em marcha e a desafia para essa busca.

Se Deus nos aparecesse, dizendo-nos: “Aqui estou eu, sou eu o Deus”, como é que o reconheceríamos, como é que saberíamos que era ele? Lembremos aquela sábia e velha história com muito humor: um homem foi ao céu, pois tinha-lhe sido dado o privilégio de falar diretamente com Deus. Quando voltou da audiência, caíram os jornalistas sobre o afortunado: “Afinal como é Deus?”. Ele respondeu sorrindo: “*She is black*” (Ela é negra!). ☺ Assim, é Deus: deveras surpreendente! Faz-me muito sentido pensar que Deus é aquele ser sobre o qual eu não consigo pensar outro maior.

A dúvida e a fé: irmãs gémeas

Joseph Ratzinger, ainda só professor de teologia em 1968, afirma: “*Não há fuga possível ao dilema do ser humano. Quem quiser escapar à incerteza da fé terá de experimentar a incerteza da descrença, que, por sua vez, nunca pode dizer com certeza definitiva se não é a fé que é a verdade. Ninguém pode tornar Deus e o seu Reino evidentes aos outros nem a si mesmo. Tanto o crente como o não crente, se não se ocultarem a si próprios e à verdade do seu ser, participam, cada um à sua maneira, na dúvida e na fé. Nenhum deles pode escapar completamente à dúvida, nenhum deles pode escapar completamente à fé; para um a fé torna-se presente contra a dúvida, para outro mediante a dúvida e sob a forma da dúvida. É a figura fundamental do destino humano: só poder encontrar a definitividade da sua existência nesta rivalidade sem fim de dúvida e fé, perplexidade e certeza. Talvez assim precisamente, a dúvida, que impede um e outro de se fecharem em si mesmos, possa tornar-se o lugar da comunicação. Ela impede-os de se encerrarem totalmente em si próprios, abre o crente ao que duvida e o que duvida ao que tem fé; para um é a sua participação no destino do descrente, para o outro a forma como a fé, apesar de tudo, permanece um desafio*”.

História de Raul Solnado

O humorista não professava nenhuma religião, nem quis funeral religioso, mas deixou-nos em 2007 um pequeno escrito que é uma profunda experiência mística, a partir do silêncio: “*Numa das vezes que fui à Expo, em Lisboa, descobri, estranhamente, uma pequena sala completamente despojada, apenas com meia dúzia de bancos coloridos. Nada mais tinha. Não existia qualquer sinal religioso e por esta razão pensei que aquele espaço se tratava de um templo grandioso. Quase como um espanto, senti uma sensação que nunca sentira antes e, de repente, uma vontade de rezar não sei a quem ou a quê. Sentei-me num daqueles bancos, fechei os olhos, apertei as mãos, entrelacei os dedos e comecei a sentir uma emoção rara, um silêncio absoluto. Tudo o que pensava só poderia ser trazido por um Deus que ali deveria viver e que me envolvia no meu corpo amolecido. O meu pensamento aquietou-se naquele pasmo deslumbrante, naquela serenidade, naquela paz. Quando os meus olhos se abriram, aquele Deus tinha desaparecido em qualquer canto que só Ele conhece, um canto que nunca ninguém conheceu e quando saí daquela porta, corri para a beira do rio para dar um grito de gratidão à minha alma, e sorri para o universo. Aquela vírgula de tempo foi o mais belo minuto de silêncio que iluminou a minha vida e fez com que eu me reencontrasse. Resta-me a esperança de que, num tempo que seja breve, me volte a acontecer. Que esse meu Deus assim queira.*”

Lição: Deus diz-nos: “***Não me procuraríeis, se não me tivésseis encontrado***”. **Deus está sempre dentro, nunca fora.**

Processo desta encarnação: sedentários e nómadas...

Os povos sedentários estão fixos num lugar que lhes oferece uma vida suficientemente segura para que não sintam a necessidade de emigrar. Têm abundância de alimentos, de água, de caça ou de rebanhos e estão protegidos contra ataques ou invasões de outros povos. Olham a sua terra como um ventre materno que comunica e protege a sua vida. Concebem a divindade como algo próximo, benéfico e envolvente. Recordando a figura materna, imaginam a divindade como feminina, uma mãe: a deusa-mãe-terra.

Esta divindade tem normalmente boa disposição a favor do seu povo. Basta adaptar-se aos ciclos da natureza, para que a Natureza (deusa-mãe-terra) seja generosa com os seus bens. Os povos sedentários são conservadores e vivem o tempo e a história de forma cíclica: todos os anos repetem-se as mesmas coisas: “*nada acontece de novo debaixo do sol*” (Ecl 3). O futuro é a repetição do presente, que por sua vez é a repetição do passado.

Os povos nómadas estão continuamente a mudar de lugar. As paragens que encontram apenas oferecem alimentos durante algum tempo. Andam em busca da vida, que parece encontrar-se um pouco sempre mais adiante. É por isso, que a divindade aparece como algo em direcção ao qual se caminha, mas que nunca se alcança. Imaginam a divindade como algo presente, mas ao mesmo tempo distante, tal como a imagem do pai que guardam desde a sua primeira infância: um ser duro e exigente que obriga a criança a deixar a protecção materna para enfrentar a caça e os perigos dos caminhos. É por isso, que o povo nómada tende a conceber a divindade como masculina: deus-pai. As suas relações com ele serão sempre tensas e duras. O deus dos nómadas é mais livre e mais imprevisível que os próprios nómadas. Lembremos no êxodo que Javé aparecia de dia na nuvem (por causa do sol tórrido do deserto – Deus protetor) e de noite na coluna de fogo (luz para vencer as trevas – Um Deus sempre à frente... que não se deixa manipular).

Aparece, fala e desaparece, como quer e onde quer. É necessário estar sempre atento, ganhar a sua amizade, é necessário estar sempre à escuta.

Os nómadas sentem o tempo e a história como uma realidade aberta: a experiência diz-lhes que não existem dois dias iguais; eles vivem a caminhar. O caminho está cheio de surpresas, de novidade. Esta novidade pode ser positiva (pastagens, água, vida, divindade) ou negativa (deserto, secura, perigo, inimigo, ausência de divindade). Viver é uma aventura diária e contínua. O seu deus é mais procurado do que possuído.

Para os povos sedentários a divindade é garantia de estabilidade, para os nómadas é sempre um estímulo para ir mais além. As intervenções divinas têm como finalidade a sobrevivência do grupo. Falam sempre através de intermediários e, em situações difíceis, as suas revelações são solenes e aparatosas.

O nosso êxodo: peregrinos da vida e convertidos de Deus.

A vida e a espiritualidade (religião) dos nómadas estão fortemente marcadas pelo espírito comunitário. O individualismo seria a morte. Existe consciência de um destino comum. Deus não é o deus que cada um ouve no seu íntimo, mas é o Deus que fala da mesma forma, para todos ao mesmo tempo e para todos a mesma coisa.

“Tens o céu dentro de ti; Se noutro lugar procurares Deus, mil vezes o perderás”.

Angelus Silesius

Como sabemos que Deus falou?

A Palavra de Deus não é um ditado, mas resposta humana a questões e perguntas profunda e radicalmente humanas. Andrés Torres Queiruga, afirma que “*o processo da elaboração religiosa não é para interpretar o mundo de uma determinada maneira porque se é crente ou ateu, mas é-se crente ou ateu porque a fé ou a não-crença aparecem ao crente ou ao ateu, como a melhor maneira de interpretar o mundo comum*”. Assim o agnóstico dirá que não vê razões para poder decidir-se. O ateu julga que as razões contrárias são mais fortes e por isso, não crê. Para o crente, a «hipótese religiosa» é a que melhor esclarece as experiências e questões postas pela realidade e pela existência: a condição humana, as questões últimas pelo sentido da vida e da morte, a esperança, a exigência ética, o sentido da História.

É a partir da experiência religiosa do profeta ou do fundador que se desencadeia um processo de maior compreensão da relação com o Divino, que as gerações seguintes vão cristalizar em livros sagrados, considerados «revelados», concluindo que afinal aquela descoberta da presença de Deus na realidade foi possível porque o próprio Deus estava desde sempre a manifestar-se nela e a tentar dar-se a conhecer. Deus manifesta-se, mas nunca diretamente.

A Bíblia como Palavra de Deus

A Bíblia é o Livro dos livros e lê-la é um desafio para qualquer pessoa, crente ou não. Os “escribas” judeus (AT) e cristãos (NT) elaboram textos que refletem a fé de um povo, lendo os acontecimentos à luz dessa mesma fé. Por isso, para entender a bíblia é necessário ir além da letra

que a forma, para descobrir o sentido divino que está escondido por debaixo de cada texto. A isto chama-se fé narrativa, são páginas de catequese (teologia) que narram o sentido de Deus na vida. Essa experiência de fé foi condensada principalmente no exílio da Babilônia.

História da azeitona

Era uma vez uma azeitona. Não uma daquelas azeitonas grandes, carnudas, que se juntam a outras para abrir o apetite antes de uma refeição ou para juntar prazer a um momento de já boa conversa ou convívio. Não, esta era uma azeitona pequenina, insignificante, daquelas cuja única mais-valia é juntar-se a outras congêneres para um dia fazer um bom e perfumado azeite.

Que linda infância e ainda mais alegre juventude teve aquela afortunada azeitona! O ramo de que fazia parte era bom e seguro, simples, sem vaidades nem riquezas, de sóbria elegância, sem apertos mas também sem desnecessárias larguras. À sua volta, outras quatro azeitonas completavam o círculo familiar; duas maiores lhe deram a vida, duas ainda com ela herdeiras da mesma essência.

Como toda azeitona que se preze de ser útil, também um dia teve que cair do confortável ramo onde estava. Sair e ser arrancada, certamente as duas coisas ao mesmo tempo. Já alguém viu a miséria de uma azeitona que ficou no galho até secar...?! Que tristeza!

Levada ao lagar, finalmente se realizava o seu sonho: ser azeite. É que, como ficou já dito, para mais não servia. Esta azeitona não podia ser solista num qualquer prato ou travessa, não tinha qualidades para isso: ou se juntava a um conjunto ou acabaria no nada. Triturada, moída, extraído o melhor de si, pouco mais deu do que uma minúscula gota: sim, cheirava a azeite novo, é verdade; a cor verde tinha o seu quê de dourado e brilhante; era consistente. Em poucas palavras, passou a ser uma saborosa e fragante gota de puro azeite. Sem mérito próprio, pois, que azeitona escolheu o seu tronco e as mãos que a trataram até pingar no tarro?

Pois bem, a história daquela azeitona ou, sim, desta nova gota, ainda não terminou porque... quem sabe dos mil usos a que o azeite pode ser destinado? Eis então mais uma das suas imprevisíveis sortes. Certo dia, perto da primavera, viajou – com tantas outras gotas que já não se sentia mais ela mas sim um corpo vivo – até um lugar bonito. Ouviu muitas palavras – para dizer a verdade, a maior parte nem as entendeu – e, a um certo ponto, eis que um fio de líquido entrou no vaso... Líquido ligeiro, fino, rápido se fundiu e misturou com ela e com as outras gotas. Era perfume, um forte e aromático perfume. Meio inebriada, ainda conseguiu ouvir mais uma palavra, “crisma”...

A sua história estava traçada: doravante serviria junto com todo o azeite a que estava unida para ungir crianças e adultos, no batismo e na ordem. A sua vida e consciência estavam inseparavelmente unidas às outras azeitonas do passado e do presente e por isso não se esgotou na primeira unção: algo dela ficou na frente, nas mãos... E algo dela ficou no todo da ânfora. Só não sabia uma coisa: toda gota de azeite transformado em crisma tem os dias contados. Intuiu isto numa conversa, em pedaços dela: “não tarda temos novos óleos, que depressa passou este ano, é melhor preparar a lâmpada”... Lâmpada, qual lâmpada?! É esse o fim? Sim, é esse o fim: a chama, o fogo, a luz, diante do sacrário, diante de Deus, na solidão, no silêncio.

Não durou muito, apenas umas horas. Extinguiu-se de noite, na escuridão, apenas ela ousava quebrar as trevas. Atrás ficaram os anos do crescimento da árvore, da maturação, de sol e chuva, da trituração do lagar. Uma azeitona, uma gota de azeite não pertence a si mesma.